

## O que faz um lugar

PEDRO DOS REIS

O que define um lugar pode ser apenas uma sensação de pertença a alguma coisa: seja um contexto ou outro ser... Não será necessário, portanto, que um lugar seja sequer um espaço material. Quantos não são os lugares aos quais nos sentimos pertencer, ainda que não passem de sonhos ou utopias.

A tendência será a de olhar para algo e tentar criar-se definições sobre esse algo. Como se as características superficiais de uma coisa definissem essa coisa; ou que pelo menos procurassem criar um lugar comum que pudesse ajudar a contextualizar essa coisa. Por vezes, tal como acontece com pessoas, encontramos o lugar que procuramos, quando nos afastamos dele.

**Transporte** parte desta sugestão do afastamento revelando um lugar pela sua envolvente. As imagens captadas por Julieta do Vale são assim, não do lugar que procura revelar, mas dos outros lugares que lhe são adjacentes; espelhos do local que está de facto a enquadrar e a partilhar com o espectador, e que, como a fotógrafa, existe apenas por detrás da câmara. Buscando nestas imagens pistas sobre o que nos quer ser mostrado apercebemos-nos de um lugar abandonado à sorte do tempo. Um passado mudo que se mistura com um presente sem vislumbres de futuro, como se fossem fotografias de um homicídio recentemente de um total desconhecido.

A abordagem para este trabalho, inserindo-se dentro do contexto da fotografia contemporânea, marca uma diferença abrupta com a própria história da fotografia (de raiz modernista). A paisagem alterada pelo Homem<sup>1</sup> mostrada em **Transporte** é ausente da monumentalidade, que se espera encontrar em fotografia de lugares (tanto de grandes obras arquitectónicas, como até de ruínas). As evidências do lugar procuradas no exterior do mesmo são antes realizadas através de uma visão vaga e desprendida, livre de definições demasiadamente comprometidas e focadas.

Às imagens, a fotógrafa juntou ainda dois vídeos. N.º12 e n.º20 são números de porta do seu lugar – o que não foi fotografado. Partindo da premissa de onde partiu para a criação das imagens, o seu lugar volta a não ser capturado directamente pela lente da sua câmara: os planos individuais descobrem, tal como as fotografias, lugares presos no tempo que espelham um lago de memórias que vão e voltam no quase-monólogo das suas interlocutoras.

Continua a buscar-se o lugar de Julieta do Vale. Aos poucos, das conversas, vão aparecendo pistas, que por vezes descontextualizadas pelo tempo, ajudam a situá-lo numa realidade geográfica um pouco mais concreta, ainda que não seja precisa. Talvez também não seja necessário mais para definir este lugar. Ele é, sobretudo, as memórias que dele se tem.

<sup>1</sup> Como por exemplo as imagens reunidas na exposição **New Topographics: Photographs of a Man-Altered Landscape**, que em 1975 reuniu trabalhos de Lewis Baltz, Robert Adams, Joe Deal, Nicholas Nixon, Stephen Shore, Bernd e Hilla Becher, Frank Gohlke, John Shott e Henry Wessel Jr.